

# **Coro e Orquestra Gulbenkian**

**Neil Thomson**

**Alena Baeva**

**Diogo Infante**



**GULBENKIAN  
MÚSICA**

**13 + 14 nov 25**

**13 nov 25** QUINTA 20:00

**14 nov 25** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## Coro e Orquestra Gulbenkian

**Neil Thomson** Maestro

**Alena Baeva** Violino\*

**Diogo Infante** Recitador

**Inês Tavares Lopes** Maestra do Coro Gulbenkian

### Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Violino e Orquestra n.º 4,  
em Ré maior, K. 218

c. 24 min.

1. *Allegro*
2. *Andante cantabile*
3. *Rondeau: Andante grazioso*

INTERVALO

### Cláudio Santoro

*Cantata elegíaca*

c. 24 min.

### Heitor Villa-Lobos

*Bachianas Brasileiras n.º 8*

c. 25 min.

1. *Prelúdio*
2. *Ária (Modinha)*
3. *Tocata (Catira Batida)*
4. *Fuga*

Este concerto faz parte da programação complementar da exposição *complexo brasil*, com curadoria de José Miguel Wisnik, Guilherme Wisnik e Milena Britto.

\* Por motivo de força maior, o violinista Guido Sant'Anna é substituído por Alena Baeva.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

## W. Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

### Concerto para Violino e Orquestra n.º 4, em Ré maior, K. 218

—

COMPOSIÇÃO 1775

DURAÇÃO c. 24 min.

Mozart escreveu todos os seus cinco concertos para violino antes dos 20 anos (quatro deles num ano apenas, em 1775), proeza magnífica, uma vez que estas obras, sem atingirem, naturalmente, a profundidade e inovação dos 27 concertos para piano são, ainda assim, parte essencial do repertório violinístico e peças de grande encanto que, pelas suas inovações em relação aos concertos Barrocos, abrirão caminho aos concertos de Beethoven, Mendelssohn e Brahms.

O estilo dominante desta época é o Galante, ou Rococó, estilo que, nas mãos de outros, facilmente cai numa música anódina, mas que nas mãos de Mozart atinge um grau de invenção e sofisticação que tornam estas cinco obras, nomeadamente as três últimas, um prazer auditivo constante. Mozart foi, com Bach, Schubert, Chopin e Prokofiev, um dos maiores melodistas de sempre, e é esse génio melódico que, em boa parte, estrutura e torna inolvidáveis os seus concertos para violino e todas as suas outras obras.

O Concerto para Violino n.º 4, em Ré Maior, K. 218, é pois, junto com o n.º 5, “Turco”, uma obra que revela já uma maturidade do género tal que nos faz pensar por que razão Mozart parou de escrever concertos para violino aos 19 anos,

depois desta admirável série de cinco. Tal ter-se-á devido ao facto de que, embora Mozart tocasse também violino e viola, foi o piano o seu instrumento de eleição, e foi com ele que o compositor ganhou a vida enquanto intérprete? A profusão de concertos para piano nos anos de glória terá fechado o caminho a géneros menos úteis no que tocava a ganhar a vida (não esqueçamos que o compositor nunca conseguirá um posto fixo na corte vienense após ter sido expulso da corte arcebispal de Salzburgo), e como músico pragmático, Mozart não se podia dar a esse luxo.

O 4.º Concerto (cujo terceiro andamento parece prever o maravilhoso Concerto de Mendelssohn, que adorava Mozart), tal como todos os da série, poucas sombras revela, e a tonalidade menor raras vezes é usada, mesmo no andamento lento. Nestas obras de juventude, quase tudo é, ainda, luz.

## Heitor Villa-Lobos

(Rio de Janeiro, 1887 – Rio de Janeiro, 1959)

### *Bachianas Brasileiras* n.º 8

—

COMPOSIÇÃO 1944

ESTREIA Roma, 6 de agosto de 1947

DURAÇÃO c. 25 min.

Heitor Villa-Lobos foi, e permanece, o mais importante, influente, prolífico e popular compositor sul-americano de sempre, a um ponto tal que a sua data de nascimento se assinala no Brasil como “Dia Nacional da Música Clássica”, algo inédito, cremos, no mundo. Com cerca de 2000 obras no seu catálogo (um número verdadeiramente “amazónico”) e uma

personalidade extrovertida, mitómana, “maior do que a vida”, Villa-Lobos foi, à vez, inovador, conservador, folclorista e modernista, educador, pianista, compositor, maestro e organizador de grandes eventos culturais, nomeadamente corais, e o seu amor pela música levou-o a colaborar entusiasticamente com governantes “musculados” como Getúlio Vargas e a ditadura do Estado Novo Brasileiro (1937-1945), tendo sido nessa época que escreveu as nove *Bachianas Brasileiras* (1930-1945), epítome do seu neoclassicismo e da sua aderência à filosofia nacionalista de Vargas.

Não obstante o entusiasmo de Villa-Lobos por Getúlio Vargas, a popularidade do compositor e da sua música, mesmo com o advento do serialismo e de outras correntes mais avançadas à altura da sua morte, não sofreu demasiado, nomeadamente a popularidade das *Bachianas Brasileiras*, cuja n.º 5 (escrita em 1938, para soprano e oito violoncelos, o instrumento de eleição de Villa), em particular o seu primeiro andamento, “Cantilena” (Ária), continua a ser a melodia clássica brasileira mais famosa em todo o mundo.

A n.º 8, datada de 1944, embora não uma das mais populares, é talvez uma das mais conseguidas no que toca à fusão de elementos do folclore brasileiro com elementos do barroco alemão, nomeadamente com a música de Johann Sebastian Bach, que Villa-Lobos considerava uma espécie de “folclore universal”, frase que ecoa outra de Stravinsky, também ele devedor do grande *Kantor*, dita durante o seu longo período neoclássico: “Ainda sugamos o mel dos oboés de Bach”.

Com o seu carácter mais austero e os quatro andamentos que alternam tempos lentos e rápidos, carácter improvisado com carácter rigoroso, o todo culminando numa fuga, a *Bachiana* n.º 8 não pode deixar de lembrar a “Sonata da Chiesa” barroca, de que são exemplos as três Sonatas para Violino Solo, de Bach, sendo que, nestas, a fuga costuma estar posicionada em segundo lugar. A um *Prelúdio* segue-se pois uma *Ária*, a esta um andamento rápido e rítmico, uma *Tocata* e, por fim, a mencionada *Fuga*. De salientar que, ao contrário de outras das nove *Bachianas*, nas quais a dualidade Folclore Brasileiro / Bach está também presente em todos os títulos dos andamentos, nesta encontramos-la unicamente na *Ária (Modinha)* e na *Tocata (Catira Batida)*.

Para o público português, será talvez interessante notar que a *Modinha* (ou *Ária*) é um género de canção sentimental, entre o erudito e o popular que, vinda dos salões portugueses no século XVIII, se espalhará pelo Brasil (tendo essa expansão começado mais fortemente, tudo indica, na Bahia) e se tornará fonte importante da música popular desse país, bem como do fado português. Na música popular portuguesa, o termo “moda” já designava uma canção, normalmente lírica, de amor, ou sentimental, e assim a “modinha”, na sua fusão de elementos populares e eruditos (nomeadamente os provindos da ópera italiana e das suas cavatinas e “ariettas” mais ligeiras e sentimentais) será adotada também por Villa-Lobos na sua música. Na *Modinha da Bachiana Brasileira* n.º 8 os ouvintes mais atentos descobrirão que esta lembra um fado.

# Cláudio Santoro

(Manaus, 1919 – Brasília, 1989)

## *Cantata elegíaca*

COMPOSIÇÃO 1970

ESTREIA Lisboa, 7 de junho de 1972

DURAÇÃO c. 24 min.

Se Heitor Villa-Lobos construiu toda uma mitologia pessoal e artística, Cláudio Santoro, personalidade ativíssima, mas mais discreta enquanto homem, percorreu, de certa forma, um caminho contrário. De modernista a nacionalista, e novamente a modernista, Santoro distinguiu-se também de Villa-Lobos no que toca às opções políticas, tendo sido um comunista militante que, não obstante, discutiu alguns aspetos da doutrina, nomeadamente a nível artístico. Foi, como Villa-Lobos, maestro, compositor, violinista, organizador de eventos, pedagogo e viveu uma intensa carreira internacional. A sua extensa obra (cerca de 600 obras), se não tão “amazónica” como a de Villa-Lobos (embora Santoro tenha nascido nesse Estado brasileiro), é, porém, muito menos conhecida e tocada do que a do seu ilustre antecessor.

Uma das razões para esse desconhecimento pode estar relacionada com as suas opções estéticas. Se Villa-Lobos, mesmo na sua fase modernista (anos 20, em particular), nunca abandonou quer o folclore quer a melodia, e praticou um modernismo próximo do de um Ravel ou um Stravinsky, já Santoro adotou o serialismo dodecafónico que, nos anos 40 e 50 era, não obstante a sua invenção já datada de 1921, algo inovador e estranho para a maioria dos melómanos. É porém nas

décadas de 40 e 50 que esta técnica se expande do círculo limitado da Segunda Escola de Viena (Schönberg, Berg e Webern) para o mundo inteiro, Américas incluídas, em particular graças aos esforços da chamada Escola de Darmstadt (Boulez, Stockhausen, Nono, etc.). Assim, Santoro inicia a sua carreira com uma música difícil, muito afastada do folclore e das sonoridades mais sedutoras de Villa-Lobos, imensamente popular, nessa altura, e que estava no auge da sua glória internacional.

Será com a doutrina do Realismo Socialista, teorizada de forma mais formal em 1948, que os compositores e artistas como Santoro, devoto comunista à época, repensarão a sua arte. Não obstante as divergências políticas que os poderiam separar, nesta fase nacionalista Santoro aproxima-se esteticamente quer da música de Villa-Lobos quer dos objetivos políticos dessa mesma música (contagiar as massas para a cultura musical) e não há dúvidas de que Santoro admirava imenso Villa-Lobos e partilhava com ele uma visão nacional da sua arte. Uma fotografia autografada do compositor, datada de 1954, tem inscrita a seguinte dedicatória: “Ao Maestro Villa-Lobos e a sua dedicada esposa Arminda, com admiração e respeito pela obra e tenacidade no trabalho, exemplo e guia para nós jovens a fim de continuarmos a preservar a Cultura Nacional”.

Depois da fase nacionalista, a partir dos anos 60, Santoro, também desiludido com certos aspetos do Realismo Socialista, que não acompanhavam de todo os tempos (as vanguardas europeias dominavam o panorama internacional) adotará novamente uma postura modernista,

abandonando quase por completo a inspiração nacionalista em favor de uma música expressionista e de experiências na área da eletroacústica. É neste contexto que surge a *Cantata elegíaca*, encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian em 1970, obra baseada na primeira *Elegia* de Camões, poeta que Santoro admirava acima de qualquer outro, ansioso por uma oportunidade de o musicar. A encomenda da Gulbenkian surgiu assim no momento certo, como o próprio compositor reconhece numa entrevista concedida à então Emissora Nacional. No programa radiofónico “Momento 72” ficamos a saber que não somente este já tinha há alguns anos a ideia de musicar o texto de Camões como o respeito e admiração pelo mesmo era tal que Santoro usa, para além de dois coros (situados em locais diferentes do auditório) e da orquestra de câmara, um recitador, que lê uma parte significativa da *Elegia*, ao invés de um cantor solista, a opção mais usual. Isto porque, não obstante o maior cuidado na prosódia, qualquer texto colocado em música perde sempre alguma compreensibilidade. Ao preferir um recitador, Santoro mistura cantata com melodrama, e consegue uma simbiose interessante entre o lirismo musical (transmitido pelo coro) e a fala poética do recitador. A música, datada destes anos de segundo modernismo, utiliza, quer na orquestra quer no coro, algumas técnicas expandidas, chegando Santoro a “atomizar” algumas secções do texto através de um trabalho fonético que, no entanto, coloca sempre aquele em primeiro lugar, texto que Santoro considera, nessa mesma entrevista, “fantástico, uma maravilha!”.

## Cláudio Santoro

### *Cantata elegíaca*

—

Texto da *Elegia I* de Luís de Camões

#### RECITADOR

Aquela que de amor descomedido  
pelo fermoso moço se perdeu  
que só por si de amores foi perdido,  
despois que a deusa em pedra a converteu,  
de seu humano gesto verdadeiro,  
a última voz só lhe concedeu.

#### CORO

Assi meu mal do próprio ser primeiro  
outra cousa nenhũa me consente  
que este canto que escrevo derradeiro.

#### RECITADOR

E se algũa pouca vida, estando ausente,  
me deixa Amor, e por que o pensamento  
sinta a perda do bem de estar presente.  
Senhor, se vos espanta o sentimento  
que tenho em tanto mal, pera escrevê-lo  
furto este breve tempo a meu tormento.

#### CORO

Porque quem tem poder para sofrê-lo,  
sem se acabar a vida co cuidado,  
também terá poder para dizê-lo.  
Nem eu escrevo mal tão costumado;  
mas na alma minha, triste e saudosa,  
a saudade escreve, e eu traslado.  
Ando gastando a vida trabalhosa,  
e espalhando a contínua saudade  
ao longo dũa praia saudosa.

RECITADOR

Vejo do mar a instabilidade,  
como, com seu ruído impetuoso,  
retumba na maior concavidade.  
E, com sua branca espuma, furioso,  
na terra, a seu pesar, lhe está tomando  
lugar, onde se estenda, cavernoso.  
Ela, como mais fraca, lhe está dando  
as côncavas entranhas, onde esteja  
suas salgadas ondas espalhando.

CORO

A todas estas cousas tenho inveja  
tamanha, que não sei determinar-me,  
por mais determinado que me veja.  
Se quero em tanto mal desesperar-me,  
não posso, porque Amor e Saudade  
nem licença me dão pera matar-me.  
Às vezes cuido em mim se a novidade  
e estranheza das cousas, coa mudança,  
se poderão mudar ãa vontade.  
E com isto afiguro na lembrança  
a nova terra, o novo trato humano,  
a estrangeira gente e estranha usança.

RECITADOR

Subo-me ao monte que Hércules tebano  
do altíssimo Calpe dividiu,  
dando caminho ao mar Mediterraneo.  
Dali estou tenteando aonde viu  
o pomar das Hespéridas, matando  
a serpe que a seu passo resistiu.  
Em outra parte estou afigurando  
o poderoso Anteu que, derrubado,  
mais força se lhe estava acrescentando;  
mas do hercúleo braço sojugado,  
no ar deixou a vida, não podendo  
da madre terra já ser ajudado.

CORO

Nem com isto, enfim, que estou dizendo,  
nem com as armas tão continuadas,  
de lembranças passadas me defendo.

RECITADOR

Todas as cousas vejo remudadas,  
porque o tempo ligeiro não consente  
que estejam de firmeza acompanhadas.

CORO

Vi já que a Primavera, de contente,  
de mil cores alegres revestia  
o monte, o rio, o campo, alegremente.  
Vi já das altas aves a harmonia,  
que até aos montes duros convidava  
a um modo suave de alegria.  
Vi já que tudo, enfim, me contentava  
e que, de muito cheio de firmeza,  
um mal por mil prazeres não trocava.  
Tal me tem a mudança e estranheza  
que, se vou pelos campos, a verdura  
parece que se seca, de tristeza.  
Mas isto é já costume da ventura:  
que os olhos que vivem descontentes,  
descontente o prazer se lhe afigura.

RECITADOR

Ó graves e insofríveis acidentes  
da Fortuna e do Amor que penitência  
tão grave dais aos peitos inocentes!  
Não basta experimentar-me a paciência,  
com temores e falsas esperanças,  
sem que também me atente o mal de ausência?  
Trazeis um brando ânimo em mudanças,  
para que nunca possa ser mudado  
de lágrimas, suspiros e lembranças.  
E, se estiver ao mal acostumado,  
também no mal não consentis firmeza,  
para que nunca viva descansado.  
Vivia eu sossegado na tristeza;  
e ali não me faltava um brando engano,  
que tirasse os desejos da fraqueza.  
E vendo-me enganado estar ufano,  
deu à roda Fortuna, e deu comigo  
onde de novo choro o novo dano.  
Já deve de bastar o que aqui digo  
para dar a entender o mais que calo,

a quem já viu tão áspero perigo.  
E se nos bravos peitos faz abalo  
um peito magoado e descontente,  
que obriga a quem o ouve a consolá-lo;  
não quero mais senão que largamente,  
Senhor, me mandeis novas dessa terra:  
ao menos poderei viver contente.

CORO

Porque, se o duro Fado me desterra  
tanto tempo do bem, que o fraco espirito  
desampare a prisão onde se encerra,  
ao som das negras águas de Cocito,  
ao pé dos carregados arvoredos,  
cantarei o que na alma tenho escrito.  
E, por entre esses hórridos penedos,  
a quem negou Natura o claro dia,  
entre tormentos ásperos e medos,  
com a trémula voz, cansada e fria,  
celebrarei o gesto claro e puro  
que nunca perderei da fantasia.  
E o Músico da Trácia, já seguro  
de perder sua Eurídice, tangendo  
me ajudará, ferindo o ar escuro.  
As namoradas sombras, revolvendo  
memórias do passado, me ouvirão;  
e, com seu choro, o rio irá crescendo:

RECITADOR

Em Salmoneu as penas faltarão,  
e das filhas de Belo, juntamente,  
de lágrimas os vasos se encherão.

CORO

Que, se amor se não perde em vida ausente;  
menos se perderá por morte escura;  
porque, enfim, a alma vive eternamente,  
e amor é afeito d'alma, e sempre dura.

## Neil Thomson

Neil Thomson nasceu em Londres em 1966. Estudou violino e viola na Royal Academy of Music, e direção de orquestra, com Norman Del Mar, no Royal College of Music (RCM). De 1992 a 2006, foi “Head of Conducting” no RCM, sendo o maestro mais jovem a ocupar este cargo. Em reconhecimento pelos serviços prestados à instituição, foi nomeado membro honorário do RCM em 1994, tendo consolidado a sua reputação como mentor orquestral. Dirigiu agrupamentos orquestrais por todo o mundo, incluindo a Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Londres, a Filarmónica de Tóquio, a Sinfónica Yomiuri Nippon, a Orquestra Nacional Russa, a Sinfónica da Rádio de Viena, a Orquestra de Câmara Inglesa, a Sinfónica de Seattle ou a Sinfónica de Israel. Dirigiu concertos com a participação de consagrados solistas, incluindo Nobuyuki Tsujii, James Galway, Dame Moura Lympany, Thomas Allen, Felicity Lott, Philip Langridge, Antonio Meneses, Nelson Freire, Sarah Chang, Steven Isserlis, Jean-Philippe Collard, Stephen Hough, Jean-Louis Steurman, Evelyn Glennie e Richard Rodney Bennett. Neil Thomson está atualmente envolvido na gravação de álbuns de música brasileira para a Naxos records como parte da série Naxos “Brasil em Concerto”. Desde 2014, é Maestro Titular e Diretor Artístico da Orquestra Filarmónica de Goiás, no Brasil. É também Professor no *Los Angeles Conducting Workshop* e na Dresden Dirigierakademie.

## Alena Baeva

Alena Baeva é considerada uma das solistas mais versáteis e cativantes no panorama mundial atual. Possui uma curiosidade musical apaixonada e domina um vasto repertório que conjuga obras menos conhecidas, de compositores como Bacewicz, Karaev, Karłowicz e Silvestrov, com a literatura tradicional para violino. Os destaques da presente temporada incluem atuações com a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Philharmonia Orchestra, a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, a Sinfónica de Barcelona, o Ensemble Resonanz, Il Giardino Armonico, a Sinfónica de Antuérpia e a Filarmónica Real de Liège. Trabalhou com maestros de renome como Paavo Järvi, Vladimir Jurowski, Cornelius Meister, Riccardo Minasi, Tomáš Netopil, Kazushi Ono, Petr Popelka e Kazuki Yamada. No domínio da música de câmara, colabora com artistas como Yuri Bashmet, Daishin Kashimoto, Misha Maisky, Jean-Guihen Queyras e o Quarteto Belcea. O seu parceiro de duo habitual é o pianista ucraniano Vadym Kholodenko. Grava para a editora Alpha Classics e o seu próximo álbum é o Vol.1 do ciclo integral das sonatas para violino de Beethoven. O seu lançamento anterior, *Fantasy*, foi elogiado pela *Gramophone* e inclui obras de Schubert, Stravinsky, Schumann e Messiaen, gravadas com Vadym Kholodenko. Nascida no Quirguistão, com ascendência eslavo-tártara, Alena Baeva teve as suas primeiras aulas de violino aos cinco anos com Olga Danilova, no Cazaquistão. Estudou depois com Eduard Grach, na Rússia, e recebeu também formação de Mstislav Rostropovich, Boris Garlitsky e Shlomo Mintz. Naturalizada luxemburguesa, reside no Luxemburgo desde 2010. Toca num violino Guarneri del Gesù de 1738, o “ex-William Kroll”, gentilmente cedido por um mecenas anónimo, com o amável apoio da J&A Beares.

## Diogo Infante

Um dos mais reconhecidos atores portugueses, conta com uma carreira com mais de 30 anos. Formou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema, em 1991. Tem desenvolvido o seu trabalho no teatro, no cinema e na televisão. Encenou vários espetáculos e, em 2019, estreou-se na realização com a curta-metragem *Olga Drummond*. Foi Diretor Artístico do Maria Matos Teatro Municipal e do Teatro Nacional D. Maria II. Desde 2017, assume a Direção Artística do Teatro da Trindade INATEL. No domínio do teatro, foi protagonista em *Espectros*, de Henrik Ibsen, *Sexo, Drogas & Rock'n Roll*, de Eric Bogosian, *Hamlet e Ricardo III*, de William Shakespeare, *Rei Édipo*, de Sófocles, *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, *Amadeus*, de Peter Shaffer, *Dúvida*, de Patrick Shanley, *Plaza Suite*, de Neil Simon, *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, *O Amor é tão Simples*, de Noël Coward, *Telhados de Vidro*, de David Hare, entre outras peças. Encenou *O Amante*, de Harold Pinter, *Jardim Zoológico de Cristal*, de Tennessee Williams, *Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, *Laramie*, de Moisés Kaufman, o musical *Cabaret*, com música de John Kander e libreto de Joe Masteroff, *Um Elétrico Chamado Desejo*, de T. Williams, *O Ano do Pensamento Mágico*, de Joan Didion, *Quem tem Medo de Virgínia Woolf?*, de Edward Albee, *Deus da Carnificina*, de Yasmina Reza, *A Peça para Dois Atores*, de T. Williams, *Sonho de Uma Noite de Verão*, de W. Shakespeare, e *Eutanasiador*, de Paula Guimarães, entre outros espetáculos. Em televisão, tem participado em inúmeras séries e novelas, e foi apresentador dos programas *Pátio da Fama* e *Cuidado com a Língua*. No cinema, participou em mais de 20 filmes, tendo sido dirigido por cineastas como Ana Luísa Guimarães, Jorge Paixão da Costa, Leonel Vieira, George Slouizer ou Roselyne Bosch, entre outros.

## Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto a *cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

### SOPRANOS

Beatriz Ventura  
Bianca Varela  
Carina Matias Ferreira  
Clara Coelho  
Inês Rasquinho  
Isabel Cruz Fernandes  
Maria João Sousa  
Sofia David  
Teresa Duarte  
Verónica Silva

### CONTRALTOS

Beatriz Cebola  
Estrela Martinho  
Joana Esteves  
Laura Martins  
Markéta Chumová  
Marta Queirós  
Michelle Rollin  
Patrícia Manso

### TENORES

Bruno Sales  
Francisco Cortes  
Jaime Bacharel  
João Pedro Afonso  
Miguel Carvalho  
Nuno Raimundo  
Pedro Miguel  
Pedro Rodrigues  
Rui Miranda  
Sérgio Fontão

### BAIXOS

Afonso Moreira  
Alexandre Gomes  
Frederico Paes  
Henrique Coelho  
João Costa  
Miguel Jesus  
Nuno Gonçalo Fonseca  
Nuno Rodrigues  
Pedro Casanova  
Rui Bôrras

---

### COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

### PRODUÇÃO

Inês Rosário  
Marta Ferreira de Andrade  
Inês Nunes

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO

Maria Balbi <sup>1º</sup> SOLISTA

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Ferreira

Catarina Resende

Margarida Queirós

Félix Duarte

Inês Marques\*

Sara Cymbron\*

João Castro\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda <sup>1º</sup> SOLISTA

Zachary Spontak <sup>1º</sup> SOLISTA

Piotr Rachwał <sup>1º</sup> SOLISTA

Jorge Teixeira <sup>2º</sup> SOLISTA

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Ana Isabel Malheiro

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

Ricardo Vieira

Sara Escovar\*

Francisco Ferreira\*

Leonardo Guedes\*

Ana Sofia Faria\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian <sup>1º</sup> SOLISTA

Lu Zheng <sup>1º</sup> SOLISTA

João Tiago Dinis <sup>2º</sup> SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

Milan Radocaj\*

Dinis Campos\*

João Barata\*

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA  
Emeraude Bellier 1º SOLISTA  
Martin Henneken 2º SOLISTA  
Raquel Reis  
Jeremy Lake  
Leonor Moniz  
Filipe Szkopek\*  
Tiago Mirra\*  
Catarina Távora\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rêgo 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Luís Ferreira  
André Filipe Gonçalves\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA  
Rui Maia 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José María Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE  
Joana Maia 2º SOLISTA\*

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA  
Pedro Fernandes 2º SOLISTA  
Antonia Chandler 2º SOLISTA  
Daniel Canas 1º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA  
José Pedro Pereira 2º SOLISTA  
Sérgio Pacheco 1º SOLISTA\*  
Jorge Pereira 2º SOLISTA\*  
Ricardo Vitorino 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA  
Rui Fernandes 2º SOLISTA  
Thierry Redondo 2º SOLISTA  
TROMBONE BAIXO  
Paulo Alves 2º SOLISTA\*

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA  
Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA  
Tomás Rosa 2º SOLISTA\*  
José Afonso Sousa 2º SOLISTA\*  
Marco Fernandes 2º SOLISTA\*

## PIANO

Diogo Pombo 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

—

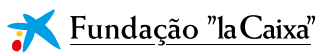
## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Ferreira de Andrade  
Pedro Canhoto  
Fábio Cachão  
Inês Nunes

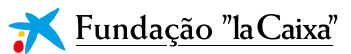
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

